



Essa é uma edição especial de boletim. Afinal, são 25 anos de KOINONIA.

Os textos aqui apresentados buscam restabelecer uma reflexão a partir das práticas e interseções dos eixos de atuação KOINONIA. Temas estes que se cruzam e muitas vezes, se desafiam a todo momento.

São 25 anos de uma caminhada-aliança com um futuro melhor para a vida cotidiana de quem sofre os impactos da desigualdade e da ganância sem limite que não respeita as vidas humanas e a sobrevivência de todo o Planeta. Comunicar, defender e refletir fez e faz a instituição somar anos à sua vida ao lado de muita gente solidária.



SOMOS KOINONIA 25 ANOS

COMUNHÃO COM TODAS AS PESSOAS

A palavra KOINONIA vem do grego e significa comunidade e comunhão. Nossa KOINONIA foi gerada, como tudo deve ser gerado. Tudo tem uma origem, uma história, um porquê. KOINONIA é fruto de uma semente que foi plantada, nos idos de 1930, como um grão de mostarda, que floresce em uma linda árvore, que não só fornece sombra, mas também um saboroso condimento que dá gosto à vida. Uma semente plantada no coração de muitas e muitos. Corações que batiam forte por uma fé contextualizada e transformadora, por uma comunhão total, para além dos muros.

KOINONIA é fruto do movimento ecumênico, nasceu pelo sonho de despertar as pessoas de fé para a realidade brasileira, a partir de estudos, seminários e encontros que buscavam ampliar o olhar. Um sonho semeado pela Confederação Evangélica do Brasil, que realizou as conferências do Nordeste. “Cristo e o processo revolucionário”, sim, este era o tema, em 1960. Um encontro entre cristãos e marxistas para discutir a situação brasileira. Como, não poderia ser diferente, em 1964 a Confederação foi fechada pelos militares golpistas.

Companheiras e companheiros dessa comunhão foram presos, exilados, executados e silenciados. Mas o sonho continuava presente, a

semente foi bem plantada e regada por consciência e compromisso. Em 1965, vendo a necessidade de seguir adubando os sonhos, nasce mais um fruto, o CEI – Centro Evangélico de Informação, que tinha como objetivo difundir informações em meio à uma situação de censura do país. Em 1968, a árvore continua gerando bons frutos e cresce a comunhão e unidade, com a presença de pessoas de tradição católicas, passando a chamar-se CEI - Centro Ecumênico de Informação. Neste momento, a sombra se alarga, e outros setores da sociedade, principalmente da área de ciências sociais e intelectuais, vieram contribuir com o CEI.

Como tudo que é bom continua crescendo, em 1974 é hora de ampliar e o CEI e este se transforma em CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Passa a atuar em várias áreas, principalmente junto às pastorais, como a operária, a camponesa e da Juventude, com foco na área de formação e fortalecimento dos mo-

vimentos populares. O CEDI auxiliou e assessorou a formação de diversos movimentos e sindicais, como a própria CUT – Central Única dos Trabalhadores. Muitas foram as pessoas formadas pelo CEDI e que hoje atuam como lideranças sociais por todo o país, nas mais diversas pautas.

Desde 1994, em continuidade a esse processo de crescimento e sementeira, a história de KOINONIA tem sido registrada de forma própria, com uma trajetória de mais de duas décadas de luta pela democracia e de afirmação dos valores do movimento ecumênico no Brasil. Suas intenções fundantes foram e continuam sendo a força sustentadora da nossa ação: a continuidade da tradição ecumênica de comunhão e prestação de assessoria às comunidades, movimentos populares e sociais, assim como às igrejas e comunidades religiosas na efetivação destes valores de justiça social e igualdade.

Temos como missão mobilizar a solidariedade ecumênica e prestar serviços a grupos historicamente e culturalmente vulneráveis e aqueles em processo de emancipação social e política. Para isso, desenvolvemos programas de produção do conhecimento, informação e educação popular, que atuam por meio de redes em busca de espaços democráticos, que promovam a justiça, os direitos humanos – econômicos, sociais, culturais e ambientais. Tudo isso numa perspectiva de promoção do ecumenismo e do movimento ecumênico e de seus valores libertários em nível nacional e internacional. Lutando contra toda forma de intolerância, principalmente a religiosa, que legitime opressões culturais, raciais, e por orientação sexual ou identidade de gênero.

Nesse sentido, as ações voltadas para a defesa e expansão de direitos de comunidades tradicionais (terreiros de Candomblé e quilombos); mulheres; e lésbicas, gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTI+), passam simultânea e necessariamente pela afirmação da importância do diálogo e da liberdade religiosa. Passam ainda por uma visão do ecumenismo apoiada em três dimensões centrais: o empenho pela aproximação e unidade entre os cristãos; a aliança solidária com os que promovem a justiça, a paz e a defesa dos bens comuns; e os inadiáveis e necessários respeito e colaboração igualitária entre as diferentes tradições e expressões de fé.

Ao trazermos os corpos mais marginalizados e violentados



Foto: Natália Blanco/ Acervo KOINONIA

para dentro desta comunhão, buscamos seguirmos fiéis aos princípios que nos formaram. Anunciando uma KOINONIA que inclui a todos e todas. Das meninas travestis em processo de elevação escolar e construção da cidadania no programa Transcidadania em São Paulo, às lideranças comunitárias em território quilombola no baixo-sul da Bahia. Da afirmação dos direitos dos jovens periféricos às informações de prevenção e formação em sexualidade e direitos humanos no bairro de Guaianazes, à solidariedade ativa aos terreiros destruídos pela intolerância religiosa no Rio de Janeiro. Das comunidades pentecostais que se abrem para acolher e encaminhar mulheres vítimas de violência doméstica, às progressistas comunidades protestantes que ousam proclamar à inclusão total da comunidade LGBTQI+.

Pelo sonho-desejo de um novo mundo possível, para todas e todos, com novas relações de poder, relações de produção e consumo mais justas e sustentáveis, e com uma comunhão na qual fluam igualdade e justiça.

Com vocês e com quem vier, somos KOINONIA hoje, e sempre seremos comunhão, revelada em sonhos, abraços e conspirações que constroem o amanhã.

#KOINONIApordireitos #KOINONIA25anos

Somos KOINONIA. Contra toda forma de intolerância e preconceito.

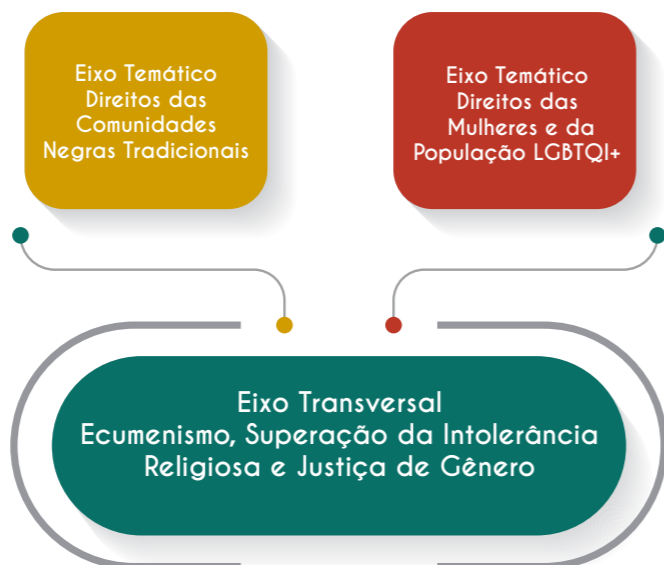


Foto: Adeloyá/ Acervo KOINONIA

TODO DIA É DIA DE COMBATER A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Mesmo com a Lei federal 11.635, instituindo pelo então presidente Lula em 2007, o dia 21 de janeiro como Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, e a Constituição Federal garantindo o respeito à liberdade religiosa, as agressões a pessoas ou locais de culto religioso continuam ocorrendo em todo o país.

O levantamento feito pelo Ministério dos Direitos Humanos (MDH), com base nas ligações para o Disque 100, aponta que, no primeiro semestre de 2018, foram registradas 210 denúncias de discriminação por religião. Entre as religiões que mais sofrem discriminação, está a umbanda, com 34 denúncias; o candomblé, com 20; e a evangélica, com 16 casos.

Na cidade do Rio de Janeiro, desde 2017 cresce o número de casos de intolerância religiosa em casas de matriz africanopraticada por traficantes que se intitulam evangélicos, em uma paradoxal relação que vai contra aos princípios pregados pelo cristianismo. O fenômeno já chegou também à região da Baixada Fluminense.

Só em setembro de 2019 foram contabilizados 176 casas fechadas depois dos ataques ou ameaças dos traficantes, mais da metade na Baixada. Em 2018 o número de denúncias não chegava a 100. Dados são segundo a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do RJ, em que várias religiões e representantes do Tribunal de Justiça e do Ministério Público fazem parte.

Aliás, relembrar as circunstâncias em que o 21 de janeiro foi criado é fundamental para compreender as dinâmicas do racismo e intolerância religiosa no Brasil. É essencial que não nos esqueçamos de Mãe Gilda de Ogum e o que sua história nos mostra. O Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, 21 de Janeiro, é uma homenagem à Mãe Gilda do Ilê Axé Abassá de Ogum em Salvador. Vítima de

Pelas liberdades laicas e o direito à paz e à diversidade!



Foto: Acervo KOINONIA

“O Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa não deveria ser comemorado. Ele é celebrado para marcar, para lembrar as pessoas que a intolerância religiosa no Brasil, infelizmente, continua grassando nos meios populares, principalmente contra a religiosidade de matriz africana, umbanda, candomblé” - Rafael Soares, diretor Executivo de KOINONIA.



Foto: Natália Blanco/ Acervo KOINONIA

agressões desencadeadas por uma publicação na primeira página do jornal Folha Universal, da igreja Universal do Reino de Deus, a Yalorixá, em 2000, infartou após a série de violências e difamações contra ela e seus filhos de santo.

O caso que se desenrolou por 9 anos, e após uma série de lutas travadas pela equipe jurídica de KOINONIA, responsável pela defesa do caso, e de Mãe Jaciara Ribeiro, filha biológica e sucessora de Mãe Gilda na condução do Ilê, a vitória chegou. A decisão da última instância e a do Superior Tribunal de Justiça, foi a codenação por unanimidade da igreja Universal do Reino de Deus.

Mas com os dados acima apresentados vemos que ainda assim o racismo e intolerância religiosa persistem, e andam de mãos dadas com gente poderosa. Com o avanço dos fundamentalismos e conservadorismo no Brasil e no mundo, e no nosso caso, são legitimados por figuras do poder, a luta pela liberdade de culto e contra intolerância, que é de todas as fés, segue ainda mais urgente para a preservação e fortalecimento do nosso Estado Democrático de Direito.



Foto: Natália Blanco/ Acervo KOINONIA

Todos os anos, na Feira Agroecológica de Mulheres do Baixo Sul -BA, trabalhadoras rurais e quilombolas expõem seus produtos agrícolas e artesanais, já que muitas vezes as mulheres são excluídas da partilha dos dividendos da pequena produção agrícola. Ao mesmo tempo debatem a violência de gênero, caminhos para solução, principalmente, pela via das políticas e serviços adequados ao dia a dia da mulher negra rural.



Foto: Ivana Flores/ Acervo KOINONIA

Feira Agroecológica de Mulheres do Baixo Sul realizada anualmente desde 2012.



Foto: Natália Blanco/ Acervo KOINONIA

AS MARGARIDAS E SEUS QUERERES



Foto: Camila Chagas/ Acervo KOINONIA

No dia 14 de agosto de 2019, a capital federal do Brasil amanheceu mais florida. Milhares de margaridas saíram em marcha pelas ruas de Brasília na “luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência”. E nos dias anteriores, Brasília também recebeu a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas “Território: Nosso corpo, nosso espírito”, as verdadeiras guardiãs das florestas e dos saberes ancestrais de nossa terra. Cerca de 2 mil mulheres, de 113 povos indígenas distintos do Brasil que se juntaram à 6ª Marcha das Margaridas no dia 14.

Realizada de quatro em quatro anos, a Marcha das Margaridas teve sua primeira ação em 2000, quando mulheres agricultoras, quilombolas, pescadoras, indígenas e muitas outras se reuniram pela primeira vez para colocar em discussão temas relacionados a promoção e defesa de direitos das trabalhadoras do campo e de toda a sociedade.

O nome “Marcha das Margaridas” é uma homenagem à Margarida Maria Alves, mulher, trabalhadora rural, cuja trajetória de vida foi marcada pela luta em defesa de direitos dos trabalhadores do campo. Ela foi brutalmente assassinada a mando de latifundiários na Paraíba.

A história de Maria serviu de inspiração para mulheres trabalhadoras rurais de todo o país e outras tantas que se reúnem para colocar em pauta as demandas dos seus territórios. A Marcha das Margaridas traz consigo a beleza, determinação, acolhimento e o cuidado que mulheres tem umas com as outras.

KOINONIA, que há anos realiza um trabalho de assessoria com as mulheres e comunidades tradicionais da região do Baixo Sul e outras regiões da Bahia, acompanhou o grupo de mulheres trabalhadoras rurais e quilombolas do território. Estas mulheres intercambiaram experiências e saberes com outras margaridas do Brasil. A viagem foi realizada com muito entusiasmo, esperança e reflexão sobre como devemos agir pelo bem viver sem deixar de defender os nossos direitos.

Nesse contexto, a chegada em Brasília foi marcada pela expectativa e realização de diversas ações, em que mulheres

do campo, da floresta e das águas saíram do Parque da Cidade em direção ao Congresso Nacional.

O percurso de aproximadamente cinco quilômetros foi marcado pelas histórias das margaridas que por ali passaram, no sentido de trazer as pautas de seus territórios para serem vistas e visibilizadas pelo Brasil e por aqueles que estão ocupando os espaços de poder.

Elas acreditam ser possível construir novas relações sociais pautadas na ética, solidariedade, reciprocidade, justiça e respeito à natureza, conforme pode ser verificado na Plataforma Política Marcha das Margaridas 2019.

As margaridas reivindicam que o direito de viver com dignidade seja assegurado em todas as fases de suas vidas. Elas acreditam que é preciso mudar o mundo para mudar a vida das mulheres e, somente com transformações estruturais, é possível alcançar uma sociedade mais justa e igualitária para todas e todos! As margaridas existem e resistem. Imersas num cenário de retrocessos na democracia e perda de direitos, cerca de cem mil mulheres floresceram na capital federal do país para mostrar que não se deve deixar de lutar pela justiça.

A DEFESA DO MEIO AMBIENTE E SEUS TERRITÓRIOS FRENTE À MINERAÇÃO FAZ PARTE DESSES QUERERES

Como parte do trabalho desenvolvido por KOINONIA junto às comunidades tradicionais, está também o monitoramento e defesa dos seus territórios diante das ameaças de grandes empresas de mineração.

A região da Costa do Dendê -BA tem sido alvo de empresas mineradoras para extração da gipsita. Estas chegaram nas comunidades, sem realizar consulta, e começaram a executar atividades extrativistas. As comunidades de Barcelos do Sul e circunvizinhas estão preocupadas com os impactos ambientais da mineração e os seus reflexos na pesca, agricultura, turismo e nas riquezas naturais da Baía de Camamu. As comunidades

temem que a exploração da gipsita, tendo em vista crimes ambientais como Mariana e Brumadinho, os quais os danos causados são irreversíveis. Tudo em prol de um modelo de desenvolvimento em que pouco importa as vidas humanas, às águas, os saberes e culturas tradicionais e a infinidade de espécies da nossa biodiversidade que sofrem com os impactos.

Por isso, no primeiro semestre de 2019 uma série de atividades de formação e debate sobre Mineração e Sustentabilidade foram realizadas em Camamu. Articulações com parceiras como a SASOP (Serviços de Assessoria a Organizações Populares Rurais), STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), Igreja Batista Metropolitana de Barcelos do Sul, MAM (Movimento pela Soberania Popular na Mineração) e também empresas mineradoras envolvidas.

Nestas ocasiões o objetivo era ampliar o diálogo sobre as ações das empresas mineradoras, e KOINONIA, apresentou parte do relatório elaborado no Baixo Sul da Bahia, dando ênfase aos impactos da mineração na vida das pessoas, em especial às mulheres. Também trouxe para o debate o trâmite jurídico/administrativo no Brasil.

AS "TERRIVELMENTE" EVANGÉLICAS E FÉ_MINISTAS NA DEFESA DOS CORPOS-TERRITÓRIOS

Ainda lá na Marcha das Margaridas, bem perto do bloco das margaridas do Baixo Sul da Bahia se encontravam outras margaridas. O grupo de mulheres carregando placas e vestindo camisetas que diziam “Terrivelmente evangélicas e feministas” chamava a atenção por onde passavam. Até mesmo da Deputada Federal Benedita da Silva (PT), que se juntou ao grupo no meio do caminho. Era o grupo das mulheres, e homens, de fé, do Fórum Ecumênico ACT Brasil (FEACT), o qual KOINONIA faz parte da coordenação, que marcharam em solidariedade à luta das mulheres indígenas e camponesas. O “Terrivelmente Evangélicas e Feministas” foi uma forma de fazer a disputa de narrativa a fala da ministra da pasta “Mulher, Família e Direitos Humanos”, Damare Alves, que em janeiro de 2019 disse: “O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”.

“Também marchamos por nós mesmas, porque somos impactadas por todos esses reveses que estão acontecendo no

país. Como mulheres evangélicas e feministas, queremos denunciar este governo que promove a morte e anunciar que não daremos um passo atrás em defesa de nossas conquistas e lutas por nossos direitos”, disse a pastora e diretora executiva da Coordenadora Ecumênica de Serviço (CESE), Sônia Mota.

A marcha e o grito contra o patriarcado das mulheres feministas vem de longe. Da antiguidade até hoje, e seguirá no futuro. Enquanto os dogmas e teologias patriarcais continuarem tentando regular, com o aval da dinâmica política sobre os corpos-territórios. Enquanto os direitos sexuais e reprodutivos, os direitos da Pachamama (mãe natureza) e de uma vida digna à todas às pessoas forem ameaçados, sobretudo com respaldo de discursos religiosos de dominação.

As fé_ministas, das mais variadas tradições religiosas, tem gritado alto. Alertando e conclamando à novas perspectivas para se pensar as questões de gênero, por uma luta coletiva, que também passa pela interreligiosidade para superação das violências e opressões. Em São Paulo KOINONIA em sido apoiadora de diversas articulações fé_ministas como seminários, rodas de diálogo e ações de incidência ao lado de parceiras como Evangélicas Pela Igualdade de Gênero e Católicas Pelo Direito de Decidir.

“A Bíblia é um bibelô a serviço dos senhores do pânico moral e do pânico material. E seja no passado ou no presente é o patriarcado que controla esses mecanismos de desigualdade. Não tem outro jeito, quando Jesus encontrava com as mulheres era perfume, salvação, profecia. Mas quando Jesus se encontrava com homens, principalmente com homem rico, aí é radicalidade.” - Nancy Cardoso, teóloga feminista



Foto: Sara de Paulo/ EIG

POR UMA ESPIRITUALIDADE QUE SE ORGULHE DA DIVERSIDADE

Na busca pela aceitação, o que seria mais importante para o ser humano do que a aceitação de seres Divinos? Dos/das que estão acima de todas as coisas? Das razões do universo? Seres absolutos, incontestáveis e perfeitos?

Em junho de 2019, essas e outras inquietações foram debatidas no 1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTQI+. A iniciativa foi idealizada e realizada por KOINONIA e a Paróquia Anglicana da Santíssima Trindade - IEAB, dentro da própria Paróquia, com o apoio de diversas organizações, grupos religiosos e movimentos sociais, e pretende continuar se articulando para futuros congressos.

Pessoas de diferentes partes do Brasil e de outros países como Estados Unidos, Argentina, Paraguai passaram por 3 dias de debates e mesas no 1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTQI+. Temas como representatividade política, epidemia de HIV/ Aids, políticas públicas, acolhimento nas igrejas, experiências de resistência e leituras bíblicas a partir de outras teologias, foram abordados.

Com cerca de 200 participantes em média, o encontro reuniu não apenas pessoas leigas e lideranças do mundo religioso como protestantes, católicas, evangélicas pentecostais e neopentecostais, adventistas, budistas, lideranças do candomblé, e também representantes da política como a deputada estadual Erica Malunguinho (PSOL), 1ª deputada trans eleita com a sua “mandata quilombo” em São Paulo, e Renato Simões (PT), movimentos sociais como MST, MAB e também pesquisadores/as da temática.

“A partir do momento que qualquer religião se propõe a falar sobre sexualidade e gênero, ela faz com que mais pessoas vivam.” - Paulo Henrique de Oliveira, 22 anos, bissexual, membro da Igreja Congregação Cristã no Brasil.

Sim, infelizmente é preciso falar que as religiões devem “deixar as pessoas viver”. Vivemos sob um governo pautado e guiado por uma moral religiosa, em que o crescimento dos fundamentalismos religiosos acentua discursos contra a diversidade sexual e de gênero. Mas isso não é de hoje. Somos um país historicamente pautado por uma moral religiosa patriarcal e opressora. O resultado disso são, claramente, mortes.

Mas em 13 de junho de 2019, depois de quase duas décadas de luta do movimento LGBTQI+ do Brasil, O Supremo Tribunal Federal determinou que o crime de racismo abrange a discriminação e violência contra pessoas LGBTQI+, aplicando-se a Lei 7716/89 para punir a homotransfobia até que o Congresso aprove uma lei regulamentando a questão.

Mas os números registrados por casos de violências causadas às pessoas LGBTQI+ estão aí. O país registrou 141

“Se meu orixá me acompanha desde sempre, ele também sabe que mais dia ou menos dia eu me tornaria essa grande mulher. Acredito na força do orixá e não na boca do homem” Priscila Valentina Gomes da Silva, mulher travesti, 28 anos, Candomblecista e Pernambucana.

Fotos: Júlio Cesar Silva/ Acervo KOINONIA

Acesse a carta na íntegra em: www.bit.ly/CartalgrejasComunidadeLGBTI



mortes dessa população apenas de janeiro a maio de 2019, segundo relatório do Grupo Gay da Bahia. Segundo a instituição, foram 126 homicídios e 15 suicídios, o que representa a média de uma morte a cada 23 horas.

E um dos resultados do 1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTQI+ foi o lançamento de sua Carta-Manifesto. O documento enfatiza a existência das pessoas “lésbicas, gays, bissexuais, assexuais, travestis, transexuais, não binárias, intersexo, queer e outras expressões de gênero” frente às diversas religiosidades e comunidades de fé, e denuncia experiências de exclusão e opressão contra essas pessoas. Além disso propõe um alerta à sociedade. “Lamentamos e denunciamos que, como estratégia para alcançar representatividade, muitas lideranças políticas e midiáticas do campo religioso, sobretudo entre cristãos, estejam se apropriando e instrumentalizando o imaginário e a linguagem religiosa e teológica para produzir e disseminar pânico moral, ressentimento, medo e ódio a partir de expressões como “ideologia de gênero” e reforço da ‘hombridade’”.

O documento marca um posicionamento político, e é assinado por pessoas das mais diversas igrejas e comunidades de fé.



GENTE DE FÉ CONTRA A LGBTFOBIA!

E como encerramento, as pessoas se juntaram ao bloco “Gente de Fé Contra a LGBTfobia” na Av. Paulista.

Carregando uma faixa com o nome do bloco, religiosas e religiosos paramentados eram aplaudidos e cumprimentados por muitas pessoas que viam o grupo passar.

A ideia surge também a partir da necessidade do resgate dessa espiritualidade LGBTQI+, especialmente ao relembremos este ano os 50 anos de Stonewall, como a história da ativista trans Sylvia Rivera, que ao lado de Marsha Johnson foram destaques na noite de Stonewall. O que a história muitas vezes não conta é sua trajetória como membra e coordenadora na Igreja da Comunidade Metropolitana ICM (Metropolitan Church Community, primeira comunidade cristã denominada inclusiva).

O Rev. Alex Silva Souto da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos, que participou de uma das mesas do congresso e caminhou com bloco na parada, destaca “Se a comunidade LGBTQI+ tiver experiências positivas com comunidades religiosas, e vice versa todos ganharemos com isso. Como disse Rev. Dr. Martin Luther King Jr., “ninguém é livre até que todos estejam livres”, não há paz e liberdade sem justiça, e amor que é amor de verdade é incondicional além de palavras baratas”.

“Eu achei muito legal o jogo da prevenção, muitas vezes a gente não tem uma abertura para falar em casa sobre o assunto, temos vergonha. É legal conversar sobre isso para a gente saber o que fazer” - Mariane Cardoso, 15 anos, aluna da E.E. Guerra Junqueiro

Foto: Natália Blanco/ Acervo KOINONIA

COM DIVERSIDADE TAMBÉM SE CONSTRÓI APRENDIZADO

Cidade Tiradentes é um daqueles bairros bem afastados do Centro de São Paulo. Você anda, anda, anda e nunca chega. E quando chega, o clima parece, por vezes, com aquelas cidadezinhas de interior. Muita gente circulando nas ruas, muitas casas, comércio, serviços. Lá fica é o CEDESB – Estação do Saber. Lá, mais de 100 pessoas, em sua maioria jovens e adolescentes, participam de cursos de capacitação nas áreas de administração e recursos humanos. Há cerca de 7 quilômetros dali, fica a Escola Estadual Professor Guerra Junqueiro, em Guaianazes. O trajeto de carro, entre os dois lugares é de 20 minutos. De transporte público, mais de 1 hora. Um lugar também repleto de jovens também. E há mais ou menos 10 quilômetros de Guaianazes está o espaço do coletivo de jovens São Mateus em Movimento, no bairro de São Miguel, também na zona leste de São Paulo.

Bairros de uma mesma região da cidade com uma população de perfil parecido e com muitos dos mesmos problemas na falta de planejamento de políticas públicas. Além disso, o que mais essas regiões têm em comum? Uma juventude com vontade de ser, de aprender, absorver, se descobrir e descobrir um mundo cheio de possibilidades. Mas... que ainda enfrenta dificuldades para conseguir falar sobre aspectos tão naturais de nossa existência: sexualidade, corpo. E quando não nos conhecemos e reconhecemos, nossa saúde acaba sendo deixada de lado.

É sobre isso que o trabalho de KOINONIA nestes espaços procurou abordar. Juventude, sexualidade de direitos humanos na perspectiva da prevenção ao HIV e outras ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

A metodologia das oficinas do Projeto Prevenção Sem Fronteiras, uma parceria com o Programa Municipal de DST/ Aids de São Paulo, engloba temas como participação juvenil, direitos humanos, intolerância religiosa, comunicação, prevenção e sexualidade. E além dos momentos de roda de conversa, são realizados momentos práticos de dinâmica como, por exemplo, o jogo Prevenidas Game, um jogo de tabuleiro humano sobre prevenção. Tudo isso em espaços como escolas, coletivos, associações de bairro e comunidades religiosas.



BRUMADINHO E AS INFINITAS REALIDADES DE UM MESMO CRIME

Em 25 de janeiro de 2019 a região de Brumadinho (MG), incluindo o Rio Paraopeba foi atingida pelo rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão da mineradora Vale do Rio Doce.

Por meio de um Fundo de Resposta Rápida da ACT Aliança o Fórum Ecumênico ACT Brasil (FEACT), com a coordenação de KOINONIA, atuou de janeiro à maio junto ao MAB (Movimento de Atingidos Por Barragens), com apoio psicossocial e distribuição de água e alimentos para famílias atingidas e junto com parcerias locais com o Ministério Público (MPF), a seção local de Minas Gerais do escritório do Defensor Público (DPU), Igreja Católica e Conselho Nacional de Igrejas Cristãs de MG (CONIC-MG). Nesta matéria especial elaborada por KOINONIA em parceria com Chistian Aid, apresentamos os cenários distintos e complexos do crime ambiental, suas consequências e principais desdobramentos, incluindo as resoluções da justiça para as famílias atingidas, fruto da incidência pública realizada de forma coletiva pelos diferentes atores.

Foto: Natália Blanco/
Acervo KOINONIA

Amostra de água do Rio Paraopeba retirada pelo MAB em Março de 2019.



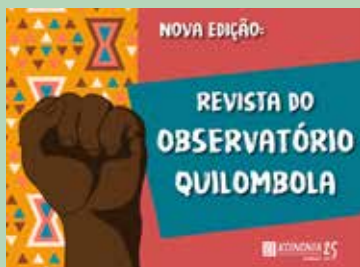
Foto: Comunicação MAB

Acesse a reportagem completa em:
www.bit.ly/Brumadinho70diasFEACT

ACESSE TAMBÉM:



Nova Tempo e Presença Digital
www.koinonia.org.br/fpdigital



Revista do Observatório Quilombola
www.koinonia.org.br/oaq/revistaoq



Vídeos completos do
1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTQI+
www.bit.ly/VideosCongressoIgrejasComunidadeLGBTI

www.koinonia.org.br



EXPEDIENTE:

#KOINONIAporDireitos
#KOINONIA25anos

Equipe de Comunicação e Documentação de KOINONIA

Jornalista responsável (Edição textual e Diagramação): Natália Blanco
koinonia@koinonia.org.br

Autoria dos textos:

Ester Leite e Alexandre Pupo - Texto da página 1

Camila Chagas - Texto da página 4

Natália Blanco - Textos das páginas 3 - 5 - 6 - 7 - 8

Presidente: Paulo Ayres Mattos

Diretor Executivo de KOINONIA: Rafael Soares de Oliveira

Eixo Ecumenismo, Superação da Intolerância Religiosa e Justiça de Gênero: Marília Schüller - Assessora

Eixo Direitos das Mulheres e da População LGBTQI+:

Ester Leite Lisboa - Assessora e Alexandre Pupo - Assistente de Coordenação

Eixo Direitos das Comunidades Negras Tradicionais:

Ana Martins Gualberto - Assessora

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço - ACT Aliança

- Rio de Janeiro: Rua Santo Amaro, 129 - Glória / CEP: 22211-230 - Rio de Janeiro - RJ | Tel.: (21) 3042-6445 | Fax: (21) 3042-6398

- Salvador: Trav. Baixa da Casa Branca, 463, Térreo - Engenho Velho da Federação / CEP: 40221-025 - Salvador - BA | Tel.: (71) 3412-5226

- São Paulo: Rua do Carmo, 56 - sala 204 - Bairro Sé, São Paulo - SP/ CEP: 01019-020 | Tel.: (11) 3667-9570